

TIAGO DO CACÉM

missão
Utentes crítica
versão
Hospital

PÁG. 25

RA

baixador
Brasil

jecto Cultural

PÁG. 27

REMOZ

gimento
Cavalaria 3
nemora
anos

PÁG. 29

SEGUNDA-FEIRA

plemento
rário

Quixote

PÁG. 31

CON ELHO
DO ALANDROAL

"Arqueologia" das Aprendizagens

Passados quase dois anos, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora continua a fazer o levantamento sobre todas as aprendizagens formais e não formais, disponíveis e concretizadas pela população do concelho do Alandroal, na última década (1997/2007). Embora só termine em 2011, a equipa de investigação parece ter chegado a duas principais conclusões. De acordo com o responsável pelo projecto, Bravo Nico, existe a constatação de que as pessoas que não sabem ler, nem escrever foram desenvolvendo ao longo da sua vida, nos territórios onde vivem, determinados estilos de aprendizagem uns com os outros e com aquilo que está disponível no seu meio.

ENCERRA PÁG. 35



diário do SUL

Regional 5

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 2009

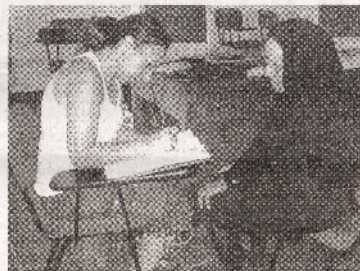
"Arqueologia" das Aprendizagens no Concelho do Alandroal continua em execução

"Há uma grande escola fora da escola"

■ Maria Antónia Zacarias

FOTOS EXCLUSIVAS
diário do SUL

Passados quase dois anos, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora continua a fazer o levantamento sobre todas as aprendizagens formais e não formais, disponíveis e concretizadas pela população do concelho do Alandroal, na última década (1997/2007). Embora só termine em 2011, a equipa de investigação parece ter chegado a duas principais conclusões. De acordo com o responsável pelo projecto, Bravo Nico, existe a constatação de que as pessoas que não sabem ler, nem escrever foram desenvolvendo ao longo da sua vida, nos territórios onde vivem, determinados estilos de aprendizagem uns com os outros e com aquilo que está disponível no seu meio. A outra tese é a de que a mulher analfabeta foi e é determinante na aprendizagem no seio familiar, ou seja, é fundamental a presença da



cação e Psicologia da Universidade de Évora dentro desta linha de investigação que nós designamos de "Educação, Território e Desenvolvimento Local".

O problema do analfabetismo é transversal a toda a região, mas qual é a sua verdadeira dimensão?

De acordo com os Censos de 2001, no que diz respeito à taxa de analfabetismo, Portugal apresentava uma taxa média de 9,1 por cento, sendo que a do Aland-

mos para que esse conhecimento seja confirmado. A nossa proposta é que os Centros de Novas Oportunidades existentes nas escolas celebrem protocolos com o mundo institucional para que quando uma pessoa organiza as festas da aldeia lhe seja reconhecida essa actividade. O que nos move é também encontrar soluções para que estas aprendizagens sejam reconhecidas de forma a contribuímos para mudar alguma desta realidade.

sonhos dessas pessoas?

Esta Universidade poderá ser o braço que ajudaria a construir respostas de educação e formação para uma população adulta que não teve oportunidade de aprender quando era jovem, mas que hoje está disponível para aprender coisas como a assinatura do nome e para frequentar cursos mais especializados. Nós temos na Universidade de Évora pessoas das mais qualificadas que lá e eu tenho a certeza que esta instituição está disponível para um dia ter uma nova missão. Para além de formar pessoas nos cursos de formação formal, está disponível para ir até à região para criar-se esta nova ala da educação não formal e conceber novas oportunidades para as pessoas aprenderem. É importante sublinhar que as pessoas querem aprender, valorizam-se e enriquecem-se. Como tal, pensamos que no próximo ano haja já algumas experiências no concelho do Alandroal.

Todo este trabalho tem gerado muito interesse, sobre-

"É possível ao Alentejo estar no pelotão da frente das regiões europeias com índices de qualificação elevados"

Bravo Nico mostra-se optimista quanto ao futuro da região. Na sua opinião, é possível inverter a realidade do analfabetismo no Alentejo, afirmando estar dependente de todos nós. O professor universitário considera que temos meios técnicos, humanos, financeiros e um elemento que faltou sempre, mas que hoje existe e que é a motivação das pessoas. Deste modo, garante que se os alentejanos quiserem será possível, daqui a uma década, estarmos no pelotão da frente das regiões europeias com índices de qualificação muito elevados.

Será possível alguma vez o Alentejo ser uma região alfabetizada?

Acredito muito. A taxa de analfabetismo é elevada, mas



próprios activos e, por fim, possuímos uma sociedade civil que, pela primeira vez na história de Portugal, percebeu e sentiu a necessidade de aprender. As novas oportunidades, com todos os eventuais aperfeiçoamentos que se têm que fazer, foi o maior impulso que se deu à educação e qualificação dos adultos. Esta é uma nova realidade porque as pessoas sentem que a sua qualificação é funda-

formação em famílias onde há uma grande concentração de analfabetos e onde há pessoas mais novas alfabetizadas. O mesmo responsável garante que conhecida a realidade, é tempo de intervir, afirmando que o CIEP vai trabalhar com as pessoas para que algumas possam concretizar o sonho de aprender a ler e a escrever e outras ver reconhecidas os seus conhecimentos e enriquecê-los ainda mais.

Porque é que foi escolhido o concelho do Alandroal?

Teve a ver com critérios científicos, nomeadamente o facto de no Alandroal encontrarmos algumas das freguesias com maiores índices de escolarização e altas taxas de analfabetismo. Para além disso, tem demograficamente um conjunto de população que é relativamente possível de trabalhar, pois estamos a falar de seis mil habitantes adultos, o que nos permite obter resultados objectivos e rigorosos. A juntar a isso foram-nos proporcionadas excelentes condições para podermos trabalhar, pois a Câmara Municipal disponibilizou toda a logística para nos apoiar na execução deste projecto, tendo-nos atribuído um gabinete no Fórum Transfronteiriço e Cultural onde estamos a trabalhar e um técnico superior para conosco trabalhar. Recorde-se que este estudo faz parte de um conjunto de projectos que temos em funcionamento no Centro de Investigação em Edu-

cação de Alentejo, que tem uma taxa de 17,1 por cento. Se nós retirássemos do estudo do Alentejo, os concelhos de Évora, de Portalegre e de Beja, a taxa média de analfabetismo da nossa região subiria para mais de 20 por cento. Hoje, que estamos em 2009, a taxa já será provavelmente menor. Para isso contribuiu mais a mortalidade da população idosa, predominantemente analfabeta, do que a realização de iniciativas concretas de aprendizagens.

Até agora, o que diz a investigação sobre o modo como as pessoas do concelho de Alandroal adquiriam conhecimentos?

As pessoas aprenderam coisas ao longo da vida, mas a esmagadora maioria dessas aprendizagens não está certificada e não tem qualquer validade formal. Então, há aqui uma realidade que estamos a conhecer e é que há uma escola fora da escola. Os projectos educativos com que temos estado a contactar são pessoais, construídos nas associações culturais e desportivas, na banda filarmónica, nos clubes de caçadores, nas comissões de festas e na actividade empreendedora de fazer uma empresa familiar. No que concerne às instituições que disponibilizaram, nos dez anos em estudo, até agora identificamos mais de 600 aprendizagens, sendo que a maioria não é formal. Conhecida esta realidade temos que intervir, ou seja, temos que aperfeiçoar mecanis-

“Conhecer a realidade não basta, é preciso intervir”

Isso significa que após o estudo haverá lugar para uma intervenção com a missão de ajudar a colmatar os problemas identificados?

O que nos está no espírito é que a partir de 2011 tenhamos condições para que, uma vez terminado este projecto, possamos intervir nesta realidade e tentar ainda dar uma oportunidade de aprendizagem àquelas pessoas que nós, hoje, estamos a conhecer. Quando lhes perguntamos se tivessem uma oportunidade para aprender, se eles queriam ou não, a maior parte das pessoas diz: “Quero”. Portanto, perante isto, o investigador tem duas respostas possíveis, ou apenas estuda a situação, descreve-a, a diagnostica e classifica-a ou, uma vez feito isto tudo, atrege-a as mangas e vai trabalhar com aquelas pessoas porque é um sonho que elas têm e é um direito que elas ainda não exerceram na sua plenitude. Esta intervenção terá o apoio da Câmara, das autarquias e talvez de um novo instrumento da Universidade de Évora, visto que na sua última revisão estatutária esta entidade criou a Universidade Sénior. Túllo Espanca de que eu sou director.

Essa Universidade poderá ajudar na concretização dos

tudo a nível académico, não é verdade?

Sim. A participação de jovens estudantes, dos ensinos universitário e secundário, tem-se revelado um forte contributo para a execução atempada dos trabalhos no terreno, tendo contribuído para a respectiva formação científica, com óbvios benefícios para os respectivos percursos de aprendizagens individuais. Outra situação, que consideramos bastante positiva, é o facto de, do presente projecto de investigação, terem surgido sete projectos de investigação, ao nível de tese de doutoramento (dois) e de dissertação de mestrado (cinco).

Para além deste projecto, há outros em perspectiva?

Este ano, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora viu aprovado um outro que se intitula “As novas népcias da qualificação no Alentejo”. Este tem como grande objectivo estudar, em todo o Alentejo, os impactos da qualificação que os adultos fizeram entre 2000 e 2005, através do processo de reconhecimento de competências, no âmbito das novas oportunidades. Queremos indagar sobre quais as consequências que essa qualificação teve na vida de cerca de 2.700 pessoas, na sua vivência social, cívica e profissional. A partir do ano que vem teremos este projecto a arrancar a nível regional.

também nós temos o realismo de perceber que nas próximas duas décadas a taxa irá reduzir-se significativamente pelas razões fisiológicas. Isto é, as populações idosas, que foram as que sofreram na pele o drama de não terem tido oportunidade de aprender a ler e a escrever, naturalmente irão deixar a nossa companhia e as novas gerações, felizmente, apresentam taxas de escolarização quase completas ao nível do ensino básico. Mas isso não basta, aliás esse tem sido o nosso fado desde sempre, esperar que as pessoas vão vivendo, evoluindo e vão morrendo para que a coisa vá melhorando. Nós temos que fazer um esforço enorme para qualificar a população do Alentejo. Não vai ser fácil, mas eu acho que é possível.

Como?

Hoje, o Alentejo tem uma cartografia de escolas públicas, privadas, de associações de desenvolvimento local, de instituições de ensino superior, de solidariedade social e associações juvenis que promovem formação formal com qualidade e certificada. Depois temos uma rede do Instituto de Emprego e Formação Profissional que é, hoje, muito presente no território, com grande mobilidade. Temos também algumas empresas que fazem a qualificação dos seus

mental na sua vida, não só para a sua realização pessoal, mas porque também sabem que um factor competitivo é a empregabilidade.

Acredita, então, que reunimos todas as condições para mudarmos a nossa realidade?

Penso que o Alentejo tem tudo para alcançar ter um nível de escolarização, daqui a uma década, que nos faça orgulhar todos e que nos leve a dizer que passámos de último para primeiro. Isto só depende de nós porque temos meios técnicos humanos, financeiros e um elemento que faltou sempre mas que hoje existe e que é a motivação das pessoas. Actualmente, o Alentejo só não te desculpa se os alentejanos não quiserem fazer as coisas, só isso acontecer é que nós não conseguiremos dar o salto enorme e eu gostaria muito que os alentejanos pudessem, em 2020, olhar para si próprios verem-se no pelotão da frente das regiões europeias e índices de qualificação elevados. Isso colocar-nos-ia em vantagem competitiva muito forte e imprimiria um potente desenvolvimento económico, social e humano à nossa região. A nossa equipa está a trabalhar nesse sentido e está a dar o seu contributo para que isso seja possível. Assim tornamos a nossa realidade.